



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6595 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

BAÚ BRINCANTE: UM ESTUDO SOBRE O BRINCAR LIVRE DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CAMPO

Maria Aparecida D'ávila Cassimiro - UFBA-MPED – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Cristina Maria Dávila Teixeira - UFBA - Universidade Federal da Bahia

Elisa Carneiro Santos de Almeida - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

BAÚ BRINCANTE: UM ESTUDO SOBRE O BRINCAR LIVRE DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CAMPO

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo configura-se como um projeto interinstitucional, em desenvolvimento, realizado pelo GEPEL. Um estudo surgido a partir da cooperação entre o Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE/UFBA – e Universidade Paris XIII, Sorbonne, baseado no projeto *Boite a Jouer*, desenvolvido em Paris (França), e acompanhado pelo grupo de estudos *Experice*, coordenado pelo Professor Gilles Brougère. Aqui no Brasil este estudo, coordenado pela Prof^a Dra. Cristina D'Ávila (UFBA), resulta da parceria entre doutorandas do PPGE e docentes de duas Universidades estaduais: Universidade do Estado da Bahia - UNEB - e a Universidade do Sudoeste da Bahia – UESB.. A pesquisa foi realizada em duas escolas nas cidades de Salvador e Jequié-Bahia e atualmente , na segunda fase deste projeto de pesquisa em parceria com a Paris 13, tenho a pretensão de expandir para escolas do Campo de Ilhéus, com as turmas da Educação Infantil

O Baú Brincante revela-se como uma caixa de brinquedos carregada de materiais não estruturados à disposição para as crianças brincarem livre e criativamente criando as suas próprias estruturas de brinquedo e instalações no ambiente escolar. Cardoso (2018) define o mesmo como um artefato brincante, por ser um dispositivo mediador para a produção das brincadeiras espontâneas e da cultura lúdica de crianças. “São artefatos, objetos recicláveis manuseados pelas crianças enquanto brincam, ganhando novos sentidos, por aquelas que brincam, e que potencializam as experiências do brincar livre” (CARDOSO, 2018, p. 24)

A Educação Infantil e o brincar nem sempre tem sido foco de estudos, quando se refere a processos educativos campestinos. Por ser a Educação Infantil uma discussão recente no âmbito dos debates e lutas coletivas como direito também dos povos tradicionais, os pesquisadores e profissionais do ensino incluem em suas agendas a necessidade de estudos aprofundados sobre a problemática.

As crianças campestinas, diferentes das crianças urbanas, continuam brincando nas ruas e em contato com elementos da natureza, no entanto, percebemos que quando estão nos espaços escolares, que, por sua vez, apresentam-se restritivos ao seu modo de ser e estar no mundo. Na maioria, são espaços fechados, cimentados, impermeáveis e sem contato com elementos da natureza.

As Instituições de Educação Infantil do Campo, podem e devem ser um ambiente lúdico, capaz de proporcionar o desenvolvimento integral da criança, e constituir um espaço de construção identitária. Desta maneira, tornarem-se lugares onde possam ser oferecidos e trabalhados com uma diversidade de materiais e possibilidades de manifestações culturais, para que as crianças possam refletir, descobrir e criar a partir do brincar.

Desta forma justifica sabermos como as crianças da Educação Infantil de uma escola do campo, no Sul da Bahia (que nos apresentam que seus lugares preferidos na escola, são os espaços em que brincam), interagem com brinquedos não estruturados no Baú Brincante, para brincarem livremente.

Nessa direção temos como objetivo geral analisar as interações das crianças da Educação Infantil de uma Escola do Campo, em Ilhéus, no Sul da Bahia proporcionado pelo baú brincante e como específico Implementar o projeto baú brincante na escola e possibilitar espaço de investigação reflexiva e formação dos docentes participantes do projeto.

2 DESENVOLVIMENTO

A discussão teórica na presente pesquisa parte inicialmente de discussões sobre o brincar livre.

Compreendemos o Brincar Livre relacionado ao conceito de ludicidade que vem sendo discutido no GEPEL - Grupo de Pesquisa em Educação, Didática e Ludicidade da UFBA – Universidade Federal da Bahia. Embora o grupo não entenda a ludicidade como um conceito fechado, corrobora com o conceito de ludicidade proposto por Luckesi (1998), como um estado interno do sujeito que vivencia uma experiência de forma plena, de inteireza, mas o grupo, entende também que “o fenômeno lúdico, embora trate de um sentimento interno de satisfação, se relaciona, dialeticamente, com as situações lúdicas enquanto ações externas, culturalmente produzidas” (ABREU; D’ÁVILA, 2018, p.48). Nessa direção percebemos uma relação dialética do fenômeno lúdico que é interno, com o brincar (uma das manifestações lúdicas e objeto de nossa pesquisa) que é uma ação externa, eminentemente cultural. Nessa direção corroboro com a ideia de que o brincar livre para as crianças da Educação Infantil, proporcione importantes momentos de ludicidade.

Utilizamos como referencial teórico os estudos de Brougère (1998, e de Maria da Conceição Oliveira Lopes (2016), por serem autores que complementam as discussões sobre o brincar livre, a cultura lúdica e o brincar social espontâneo, a partir dos conceitos de ludicidade discutidos no GEPEL. Esses também estão entre os teóricos que dão base às pesquisadoras D’Ávila, Cardoso e Xavier (2018) no estudo no qual utilizam como dispositivo mediador o “Baú Brincante” para potencializar o brincar livre das crianças.

D'Ávila, Cardoso e Xavier (2018) percebem as crianças como produtoras e reprodutoras de cultura e o brincar livre como terreno fértil para que esse processo aconteça, essas afirmam que “ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos (estruturados ou não) , das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variedades linguagens” (2018, p. 93). Sendo assim, apostam na potencialidade dos materiais não estruturados para fomentar o brincar livre, e dessa forma a imaginação, a criatividade, as aprendizagens sociais. As autoras compreendem ainda o brincar livre como uma ação experiencial, por desenvolver e ampliar o repertório afetivo, motor e simbólico da criança. Destacamos que as pesquisadoras entendem por brincar livre, o envolvimento da criança em atividades livres escolhidas autonomamente por elas.

D'Ávila, Cardoso e Xavier (2018) apresentam que o baú brincante é uma pesquisa que realizam com inspiração na experiência francesa: *Boite à jouer* (caixa para brincar), em que, por sua vez, o Dr. Gilles Brougère, junto com a sua equipe (membros do grupo Experice vinculado à Universidade Paris XIII), acompanharam e analisaram o brincar livre em escolas francesas, a partir do *Boite à jouer* na cidade de Paris. O projeto consiste na implantação, em escolas do ensino fundamental, de um container de madeira que guarda materiais não estruturados, para que as crianças brinquem livremente e criativamente. Sendo assim, o Gilles Brougère é o interlocutor das referidas pesquisadoras na realização desse projeto no Brasil.

Um dos diferenciais da pesquisa com o Baú Brincante, desenvolvido pelas autoras D'Ávila, Cardoso e Xavier (2018) aqui no Brasil, é que as próprias professoras dos alunos que acompanham as crianças nas atividades de recreio escolar, enquanto na França são acompanhadas por animadores. As autoras destacam que, o fato de os próprios docentes serem os responsáveis pelo acompanhamento do recreio das crianças, trouxe a possibilidade de inseri-los com maior assertividade na pesquisa como pesquisadores também.

Gilles Brougère (2008) analisa o brincar como um fenômeno cultural. e dentre as contribuições teóricas que o referido autor nos apresenta sobre o brincar, consideramos a discussão que realiza sobre o brinquedo, de extrema relevância para a base de nossa pesquisa com Baú Brincante, uma vez que essa metodologia utiliza brinquedos não estruturados para potencializar o brincar livre.

Brougère (2008) afirma que encontramos no brinquedo o valor simbólico, e isso está totalmente de acordo com a lógica da brincadeira, definida pelo pesquisador, como a associação entre uma ação e uma ficção. Ao brincar a criança faz de conta, imagina, cria. Nessa direção, “o objeto tem o papel de despertar imagens que permitirão dar sentido a essas ações” (BROUGÈRE, 2008, pg. 14). Pois para o autor, o brinquedo traz uma terceira dimensão para o mundo da representação, e a criança age enquanto protagonista nesse processo, dando sentido e conteúdo ao objeto, qualificando-o como brinquedo. Brougère afirma ainda que “parece útil se considerar o brinquedo não somente a partir de sua dimensão funcional, mas também, a partir daquilo que podemos denominar sua dimensão simbólica” (BROUGÈRE, 2008, pg. 41).

Brougère (2008) defende que as imagens culturais são apresentadas às crianças através dos brinquedos antes mesmo da manipulação lúdica por essas. Para Brougère “a brincadeira é, entre outras coisas, um meio de a criança viver a cultura que a cerca, tal como ela é verdadeiramente, e não como ela deveria ser” (2008, p. 59). Portanto, manipular brinquedos remete, entre outras coisas, a manipular significações culturais originadas numa determinada sociedade. Assim, destaca que embora a cultura lúdica da criança, disponha de uma certa autonomia, esta só pode ser entendida em interdependência com a cultura de uma sociedade específica.

Numa reflexão que o referido autor faz sobre os brinquedos industrializados ou

artesanais e a socialização da criança, afirma que, embora a criança socialize com esse tipo de brinquedo e com os sentidos culturais dados ao mesmo, elas se apropriam do brinquedo e produzem cultura, dando, assim, outro sentido e significado. Mas a reflexão que trazemos aqui, é que os brinquedos não estruturados podem possibilitar processos de produção cultural mais elaborados, que perpassa por todas as etapas: selecionar, construir, criar, brincar etc.

A autora Maria da Conceição Oliveira Lopes (2018) entende a ludicidade inerentes à condição de ser do humano e, como tal, faz parte da existência humana e social, podendo manifestar-se em qualquer período da vida. A autora coloca a ludicidade na mesma condição da comunicação e abrange, por isso, não só a condição de ser do humano, como integra múltiplas e diversas manifestações e, mais ainda, os seus efeitos sobre as pessoas envolvidas na mesma situação de ludicidade e nessa direção a autora entende o **brincar social espontâneo** como uma das manifestações da ludicidade e considera ainda que o BSE é a mais poderosa manifestação da comunicação e ludicidade da criança, por proporcionar aprendizagens sociais de relacionamentos interpessoais vinculativos, empáticos e formadores de uma boa autoestima.

Lopes (2018) afirma que o BSE se caracteriza pela espontaneidade e autonomia, resultante da livre escolha das crianças protagonistas da situação brincante, da cooperação entre elas sem a supervisão direta dos adultos, muito embora ela afirme que a participação inicial do professor é importante, tendo em vista que “o brincar social espontâneo das crianças mobiliza a mediação direta e indireta dos profissionais de educação e de ensino” (LOPES, 2018, p. 77). A autora chama de mediação direta a fase inicial do desenvolvimento do BSE, ao apresentar às crianças a brincadeira livre, isso seria o convite inicial, que segundo Lopes (2018) acontece com o professor brincando com elas num primeiro momento. Já a mediação indireta, acontece no segundo estágio, que a pesquisadora denomina de mais avançado, no qual o adulto não participa diretamente. O papel dos adultos passa a ser de observá-las de forma discreta, e caso for solicitado pelas crianças, dar algum *feedback* de forma sutil.

3 CONCLUSÃO

A pesquisa está em desenvolvimento, e está pautada numa tendência recente, pois pretende contar com a participação das crianças na pesquisa na condição de informantes. A ênfase na escuta é justificada a partir do reconhecimento da criança enquanto ator social, portador de uma forma de ser específica da sua etapa geracional, o que a torna informante privilegiada sobre as questões que a afetam diretamente. Desta forma, é possível atualmente citar teóricos e pesquisadores que estudam a infância e sinalizam a importância de escutar as vozes das crianças principalmente nos assuntos que as afetam, dentre os quais se destacam as pesquisas de Campos (2008), Vasconcellos (2007) e Sodré (2007).

O estudo em foco se propõe a construir um processo de interlocu o com as crianças da Educa o Infantil do Campo sobre o brincar livre, tendo como dispositivo mediador o “Baú Brincante”. Trata-se de um estudo qualitativo, etnográfico, baseado na teoria do brincar social espontâneo de Lopes (2018), nas teses de Broug re sobre o brincar, o brinquedo e acultura (2008), sobre o conceito de infância (Aries) etc. O Baú Brincante constitui-se como uma caixa de brinquedos medindo aproximadamente (2,0 m largura x 1,60 m de altura), carregado com uma quantidade de diferentes tipos de materiais de recupera o, doados por empresas locais, como também, objetos não convencionais: cordas, tubos de papelão, roupas de adultos, mala, bolsas, pneus, tecidos diversos, elásticos dentre outros.

Como técnicas de pesquisa, utilizaremos a observa o participante documentada

através de diários de bordo, fotografias e vídeos; assim como roda de conversa (com as crianças de 3, 4 e 5 anos da Educação Infantil).

Com este propósito, o estudo assume características descritivas, e, por conseguinte, as características de um estudo qualitativo. Este tipo de estudo tem um plano flexível, desta forma, não é organizado seguindo um rigor metodológico estabelecido por hipóteses prévias e costuma ser modificado no curso do processo. De acordo com Lüdke e André (1986, p. 13), o estudo qualitativo “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. No entanto utilizaremos a pesquisa qualitativa seu *ethos* e sua ética de “rigor outro” (GALEFFI, MACEDO, PIMENTEL, 2009).

Neste sentido, realizaremos o estudo em uma escola do campo do município de Ilhéus, localizado no Sul da Bahia. A escolha do município se justifica, uma vez que desenvolvi a pesquisa de mestrado no mesmo e, portanto, pretendo retomar com o Baú Brincante, tendo em vista também o processo formativo das professoras que acompanharam os resultados da pesquisa anterior em que o brincar aparece como principal justificativa dos lugares que as crianças gostam na escola, e a falta desse também constitui a principal justificativa para os espaços que elas não gostam. Buscaremos Unidades que atendam a crianças de diferentes localidades ribeirinhas, pesqueiras, agrícolas, dentre outras formas de vivências campesinas.

Para trilhar esse caminho, optamos pela Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial como escolha paradigmática (MACEDO, 2004). A Etnopesquisa, segundo Macedo, é ao mesmo tempo enraizada no sujeito observador e no sujeito observado.

A partir do estudo desenvolvido por D’Ávila, Cardoso e Xavier (2018) ao utilizar o Baú Brincante como dispositivo mediador pensamos nas seguintes fases: a) pesquisa de escolas parceiras; b) apresentação e sensibilização dos professores; c) instalação do baú brincante; d) observações registradas em diários; e) análise de dados

REFERÊNCIAS

ABREU, R.; D’ÁVILA, C. Retalhos de Uma História: o estado da arte dos estudos sobre ludicidade em Universidades públicas da Bahia. In.: D’ÁVILA, C.; FORTUNA, T. R. **Ludicidade, Cultura Lúdica e Formação de Professores**. Curitiba: CRV, 2018, p. 43-66.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990.

BROUGÈRE, G. **Jogo e Educação**. Porto Alegre; Artes Médicas, 1998.

_____. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, T. (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2008.

_____. **Brinquedo e Cultura**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BROUGÈRE, G; Roucous; N., Baptiste, B-P.; Claude, V. Une boîte pour jouer : pratiques et discours autour d'objets recyclés : **Une boîte pour jouer : pratiques et discours autour d'objets recyclés. Rapport concernant l'accompagnement scientifique de l'implantation de la boîte à jouer sur deux sites en région parisienne.** [Rapport de recherche] Université Paris 13 - Sorbonne Paris Cité. 2016. Disponível em <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01361254/document> . Acesso em 26/08/2019.

CAMPOS, M. M. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, S. H. V. (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas.** São Paulo: Cortez, 2008, p. 35-42.

CARDOSO, M. C. **Catadoras do Brincar: o olhar sensível das professoras acerca do brincar livre no ensino fundamental I e suas ressonâncias para a profissionalidade docente.** 2018. 212 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador. 2018.

CASSIMIRO, M. A. D'Á. **Os Espaços de Educação Infantil no Campo da Lente das Crianças.** 2012. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador. 2012.

D'ÁVILA, C.; CARDOSO, M. C.; XAVIER, A. A. S. O Brincar Livre na Escola de Ensino Fundamental e Formação de Professores. In.: D'ÁVILA, C.; FORTUNA, T. R. **Ludicidade, Cultura Lúdica e Formação de Professores.** Curitiba: CRV, 2018, p. 93-112.

GALEFFI, D.; MACEDO, R. S.; PIMENTEL, A. **Um Rigor Outro Sobre a Qualidade na Pesquisa Qualitativa:** educação e ciências humanas. Salvador: EDUFBA, 2009.

LOPES, J.J.M; VASCONCELLOS, T. de. **Geografia da Infância: reflexões sobre uma área de pesquisa.** Juiz de Fora: FEME, 2005.

LOPES, J.J.M. “É coisa de criança”: Reflexões sobre geografia da infância e suas possíveis contribuições para pensar as crianças. In: VASCONCELLOS, T. (Org.). **Reflexões sobre infância e cultura.** Niterói: EdUFF, 2008, p. 57-82.

LOPES, M, C. Brincar Social Espontâneo na Educação de Infância: um estudo. Book (PDF).

Dez, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/313853101>. Acesso em: 28 ago. 2019.

_____. Aprender e Ensinar a Brincar. In.: D'ÁVILA, C.; FORTUNA, T. R. **Ludicidade, Cultura Lúdica e Formação de Professores**. Curitiba: CRV, 2018 (p. 67-89)

LUCKESI, C. Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade. In.: **Interfaces da Educação**: Cadernos de Pesquisa do Núcleo de Filosofia e História da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, **UFBA**, Salvador, v.2, n.1, p 9-25, 1998.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO. A **Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador: Edufba, 2004.

POSTMAN, N. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SODRÉ, L. G. P. A participação das crianças de movimentos sociais em projetos educacionais: um estudo de caso. In: VASCONCELLOS, V. M. R. D e SARMENTO, M. J. **Infância (in) visível**. São Paulo: Junqueira & Marin, 2007, p. 129-148.

VASCONCELLOS, V. M. R. de; SARMENTO, M. J. **Infância (in) visível**. São Paulo: Junqueira& Marin, 2007.